

A solidão moribunda na velhice: uma leitura da série Clickbait a partir de Norbert Elias

The dying loneliness in old age: a reading of the Clickbait series from Norbert Elias

Tatiana Oliveira Siciliano
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio – Rio de Janeiro – Brasil
tatiana.sicilianopuc@gmail.com

Tatiana Helich Lopes
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio – Rio de Janeiro – Brasil
tatihelich@gmail.com

Valmir Moratelli
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio – Rio de Janeiro – Brasil
vmoratelli@gmail.com

Resumo

Tendo como objeto de análise o último episódio da série Clickbait (Netflix, 2021), busca-se, neste artigo, fazer uma leitura sobre a representação da velhice a partir de uma personagem aparentemente secundária, a secretária Dawn Gleed (interpretada por Becca Lish). A reflexão parte de sua solidão, sentimento que faz a mulher idosa se transformar e culminar em uma reviravolta da série. A base teórica da discussão está na obra *A solidão dos moribundos: seguido de Envelhecer e Morrer*, de Norbert Elias. Como metodologia, traz-se um aporte teórico desse livro do sociólogo alemão para se evidenciar sua importância e atualidade, por abrigar possibilidades de relação com narrativas que trazem novas representações do idoso contemporâneo.

Palavras-chave: Norbert Elias, velhice, morte, solidão, ficção seriada.

Abstract

Having as object of analysis the last episode of the Clickbait series (Netflix, 2021), this article seeks to read about the representation of old age from an apparently secondary character, the secretary Dawn Gleed (interpreted by Becca Lish). The reflection comes from her loneliness, a feeling that makes the elderly woman transform and culminate in a turnaround in the series. The theoretical basis of the discussion is in the work *A solidão dos moribundos: seguido de Envelhecer e Morrer*, by Norbert Elias. As a methodology, we bring a theoretical contribution from this book by the german sociologist to highlight its importance and timeliness, as it houses possibilities of relationship with narratives that bring new representations of the contemporary elderly.

Keywords: Norbert Elias, old age, death, loneliness, serial fiction.

1. Introdução

O conceito de solidão tem um amplo espectro. Pode referir-se a pessoas cujo desejo de amor em relação aos outros foi muito cedo tão ferido e perturbado, que mais tarde dificilmente podem reviver a experiência sem sentir os golpes anteriormente recebidos, sem sentir a dor a que esse desejo as expôs em outros tempos.

Norbert Elias, *A solidão dos moribundos*

A vida é o dever que nós trazemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...(..)

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado... (...)

Mario Quintana, *O tempo*

Em *A Solidão dos Moribundos*, publicada na Alemanha em 1982, Norbert Elias [1897-1990], com então 85 anos, refletiu sobre a solidão na velhice. Para o sociólogo germânico, a finitude é um problema dos vivos. Afinal, é a antecipação da morte, a consciência da finitude e da decadência biológica, as geradoras das angústias nos que vivem. Lembra a inexorabilidade do ciclo da vida, na qual o nascimento já desponta como parceiro da morte. O livro foi publicado em português em 2001, composto por dois ensaios, o primeiro que dá nome à obra, e o segundo intitulado “Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos”, acrescido na tradução para o inglês em 1985, trata-se da transcrição de uma conferência de Elias em 1983 para um congresso de medicina na Alemanha. A obra discute o processo civilizatório das sociedades ocidentais e seus modos de envelhecimento, com foco no sentimento de medo em relação a nossa transitoriedade inevitável. “A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola” (2001, p. 5).

Ao explorar a questão da solidão e do isolamento em relação aos idosos, Elias (2001) mostra outras dores derivadas da falta que os indivíduos sentem na relação com o outro, de ter que lidar com temores relativos à sua própria finitude, por mais poderoso que seja, não se ganha passaporte de imortalidade e nem de eterna juventude. Sendo a velhice uma categoria socialmente construída (BERGER, LUCKMANN, 2004), é instigante pensar como a mesma é dotada de contextualizações históricas que obedecem a uma norma de hierarquia, para possibilitar a organização social a partir de um centro mandatário. Original em sua essência, a obra de Elias nos permite entender esse desenrolar de características atribuídas à velhice e, permanecendo bastante atual, ser um importante referencial também para os estudos sobre representação de personagens idosos na ficção narrativa contemporânea.

Desse modo, a partir da ideia de solidão exposta por Elias na obra publicada originalmente em 1982, procuramos compreender neste artigo as nuances da representação da velhice na série *Clickbait*, produção da Netflix, lançada em agosto de 2021, com oito episódios. Apesar de ser uma trama policial, em que em cada episódio é explorado o ponto de vista de um dos personagens sobre a morte do jovem professor Nick Brewer (interpretado por Adrian Grenier), nosso foco será no último episódio, onde finalmente o mistério é revelado. É neste desfecho que ocorre a prisão de Dawn Gleed (interpretada por Becca Lish). Neste, Gleed é uma personagem idosa em um casamento aparentemente feliz, solidária e amável, mas que age em um crime devido ao seu sentimento de solidão.

Nos sete primeiros episódios da série, o telespectador acompanha o enredo criminal, sem se deixar ser levado a se interessar por Dawn Gleed. É uma personagem secundária, meramente coadjuvante, esquecida na narrativa, aparentemente sem grandes importâncias à trama. Conforme explica Elias (2001, p. 75), é o tipo que “tem como marca uma pessoa em meio a muitas outras para as quais ela não tem qualquer significado, cuja existência não faz diferença”, nem mesmo na busca por um culpado para um crime.

A personagem, que ganha protagonismo apenas no último episódio, despertando a atenção para a questão da representação da velhice, é uma idosa casada há anos, mas que não recebe atenção sentimental e sexual do marido também idoso. Ela trabalha em uma escola secundária e tem nas mãos a confiança de um novo professor que lhe pede ajuda para organizar informações pessoais no computador. Ao acessar os dados e fotografias do novo colega, a senhora Dawn Gleed tem uma ideia que culmina em ter sua vida revigorada: ela se torna uma *catfish*, termo usado na internet para designar uma pessoa que se passa por outra no ambiente virtual¹. Através do perfil do professor e sem seu consentimento, Gleed acessa um site de relacionamento e começa a conversar com diversas mulheres, o que torna suas noites antes solitárias em momentos empolgantes. Contudo, o que era para ser uma simples diversão, resulta, por engano, no sequestro de Nick Brewer.

Percebe-se que, mesmo sem a intenção de cometer um crime, os sentimentos e emoções da senhora impulsionam a ação no ambiente online, interferindo na vida de várias pessoas no offline. Quando se fala em velhice, diversos estigmas ligados à decadência física e ao isolamento são criados, trazendo a questão da solidão como um dos elementos centrais. Contudo, em *Clickbait*, o telespectador é apresentado a uma representação da velhice através de uma personagem ativa no mercado de trabalho. Ainda assim, ela não desperta o interesse nos outros por ser uma pessoa comum, uma idosa tida como simpática e livre de qualquer suspeita, portanto, banal. A reviravolta da narrativa está justamente no fato de mostrar como o sentimento de solidão e a vontade de despertar interesse nos outros pode ter consequências inimaginadas na vida do idoso e dos demais ao redor.

Norbert Elias propõe que não é de surpreender que as pessoas que procuram essa espécie de sentido achem absurdas suas vidas.

(...) Raramente, e com dificuldade, as pessoas podem ver a si mesmas, em sua dependência dos outros – uma dependência que pode ser mútua –, como eles limitados na cadeia das gerações, como quem carrega uma tocha numa corrida de revezamento, e que por fim a passará ao seguinte. No entanto, o recalçamento e o encobrimento da finitude da vida humana individual certamente não é, como às vezes se diz, uma peculiaridade do século XX. É provavelmente uma reação tão antiga quanto a consciência dessa finitude, quanto o pressentimento da própria morte. (ELIAS, 2001, p. 18)

Ao trazer o tema da solidão e da velhice em seus estudos, Elias discute a atitude moderna diante da morte, destacando a dificuldade do indivíduo em se identificar com os moribundos – grupo que ele coloca na mesma categoria da velhice – devido ao desconforto pela lembrança da finitude da vida. Para o sociólogo alemão, o sentido da vida está relacionado com a importância que se dá aos demais e, no momento em que se sente que não é mais valorizado, a própria existência se torna vazia.

Como metodologia, fazemos primeiramente uma análise interpretativa de *A solidão dos moribundos* (2001), com foco na discussão da solidão e rejeição do ser idoso no convívio social. Em seguida, a fim de evitar homogeneidades absolutas, trazemos alguns dados recentes sobre a velhice no aspecto brasileira dentro do recorte de gênero e,

¹ Cf. <https://www.dicionarioinformal.com.br/catfish/>.

assim, uma observação aprofundada da série *Clickbait* a partir do que Elias apresenta como isolamento solitário de determinado grupo social.

Para avançarmos, faz-se também necessário compreender a definição prática do termo “idoso” nos tempos atuais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)², idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. Todavia, para efeito de formulação de políticas públicas, esse limite mínimo varia segundo as características (cultura, demografia, expectativa de vida etc.) de cada país. A própria OMS reconhece que, qualquer que seja o limite mínimo adotado, é importante considerar que a idade cronológica não é um marcador preciso para as alterações que acompanham o envelhecimento, podendo haver variações quanto a condições de saúde, nível de participação na sociedade e nível de independência entre as pessoas idosas, em diferentes contextos. O Brasil acompanha a diretriz da OMS³. Na legislação brasileira, é considerada idosa a pessoa que tenha 60 anos ou mais.

Antes de chegar na interpretação analítica do último episódio de *Clickbait*, para discutir a representação da velhice nesta produção, faz-se necessário entender alguns conceitos discutidos por Elias (2011), sobre a construção dos valores atribuídos à velhice.

2. O velho “perigoso” isolado

Em *A solidão dos moribundos*, Elias agrupa em um mesmo quadrado classificatório os idosos e os enfermos, em oposição à comunidade dos vivos, para delimitar o isolamento que os primeiros são mantidos. Para o sociólogo, “os anos de decadência são penosos não só para os que sofrem, mas também para os que são deixados sós” (2001, p. 5), pois o isolamento precoce, mesmo ocorrendo em maior frequência nas sociedades mais avançadas, demonstra como estas são fracas em sua constituição social. A partir daí se torna nítido por que as pessoas têm tanta dificuldade em se identificarem como idosas, pois rejeitam se juntar ao quadrado no qual estão os velhos e os moribundos.

Ao entender a finitude da vida como algo inerente ao ser humano em seu processo biológico constitutivo, também se compreende que a morte faz parte de um estágio comum e que todos, sem exceção, vão experimentar um dia. Mas ao se associar este estágio aos idosos, misturados aos moribundos, coloca-se um valor simbólico negativo ainda maior a esta representação.

Após percorrer um vasto caminho histórico, Elias chama a atenção para o fato de que as novas relações de poder já na Idade Média, portanto, antes da contemporaneidade, já se associavam “a sentimentos de vergonha, repugnância ou embaraço e, em certos casos, especialmente durante o grande impulso europeu de civilização, são banidos para os bastidores ou pelo menos removidos da vida social pública” (2001, p.9).

Isso porque, de acordo com essa análise sociológica, os moribundos, à espera da morte, trazem riscos ao convívio saudável entre os demais. Logo, os idosos seguem a mesma lógica de raciocínio; porque eles carregam consigo a possibilidade da finitude.

(...) A morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, a morte, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são empurrados para os bastidores, são isolados (2001, p.9).

² Ver mais em < <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-idosa>>. Acesso em 10/09/19.

³ O assunto, entretanto, ainda gera discussão no âmbito jurídico. Ver mais em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/09/justica-determina-que-terceira-idade-no-rj-volte-a-ser-65-anos.ghtml>>. Acesso em 10/09/19.

O tema da morte, é verdade, não deixava de ser aberto e frequente nas conversas na Idade Média, bem mais regular do que hoje. Elias nos traz que, pelo contexto de epidemias sucessivas, principalmente no período chamado de Baixa Idade Média⁴, compreende-se que a Europa vivia um crescimento demográfico acentuado, acompanhado da expansão do comércio, à medida que inovações técnicas e agrícolas permitiram uma maior produtividade de solos e colheitas. Em contrapartida, o adensamento geográfico promoveria guerras e sucessivas pestes nas regiões da Eurásia⁵. Só a peste negra foi responsável pela morte de um terço da população europeia entre 1347 e 1350 (BENEDICTOW, 2006).

No período, a mortalidade de homens e mulheres, dos novos aos mais velhos, em várias partes da Europa, foi tão grande que era quase impossível enterrar os mortos. As pessoas adoeciam e morriam subitamente. Em muitas cidades, os padres temerosos retiravam-se, deixando o exercício das suas funções para religiosos mais destemidos (MARQUES, 2013). Em termos humanos, a peste foi um desastre. A maioria das regiões perdeu entre um quarto a um terço da população. A mortalidade era mais alta nas cidades, mas aldeias inteiras deixaram de existir durante as várias pragas que se seguiram⁶.

É neste contexto de mortes como um ato cotidiano e banalizado, que rapidamente se associa a velhice à doença. Se estar moribundo é esperar pela morte a qualquer momento, estar velho é não ter mais tempo para a vida. Essa relação um tanto simplista se dá tanto na esfera pública, onde os velhos são afastados de suas tarefas e atividades; quanto na esfera íntima, onde são impedidos da convivência de afazeres do lar. Aos poucos, eles são isolados e perdem espaço para que outros, mais jovens, tendam a assumir suas obrigações.

Elias (2001) nos demonstra que a velhice ganha um caráter pejorativo, fortemente atrelado à morte e à doença, por corresponder a um contexto histórico no qual se preza pelas relações sociais e agrupamentos civilizatórios em andamento nas cidades. O “contágio” social é um perigo, portanto, a quem quer evitar a mortalidade trazida pelas epidemias incessantes, conforme será explicado mais a seguir. Estar longe de doentes, e também de velhos, seria uma forma de garantir segurança e vitalidade para si e para os seus. Os velhos são, então, separados, pois passam a ser um perigo ao todo. A eles se destina o mesmo que os enfermos.

Tal visão se acentua e ganha outros contornos quando, na era Moderna, com o advento da revolução industrial, se preza pela produtividade. Entra nessa discussão o valor da força física e braçal, atrelada à agilidade, que favorece o indivíduo que ainda não tem as severas marcas do tempo. Consta-se que a velhice passa a ser aprofundada nessa deturpação classificatória – se já não sendo vista unicamente como uma doença, ainda assim algo a ser evitado. Os velhos permanecem isolados, esquecidos e esfacelados de suas funções sociais.

3. Da produtividade à morte

⁴ Período da história que corresponde desde meados do século XIV até século XVI, representou o final da Idade Média.

⁵ É a massa territorial formada em conjunto pela Europa e Ásia, separada pela cordilheira dos Montes Urais, localizado na Rússia, pelo Rio Ural, pelo Mar Negro e pelo Mar Cáspio.

⁶ Segundo levantamento de Marques (2013), houve pragas em 1358, 1361, em 1368-1369, e uma outra, em 1374-1375, que foi particularmente grave na Inglaterra. Daí em diante, as pragas se abrandaram, surgindo uma outra em 1400, que afetou toda a Europa. Uma geração separou esta última de uma peste em 1438, mas entre essa e as de 1480 ocorreram epidemias frequentes. A Inglaterra sofreu, pelo menos, sete epidemias entre 1430 e 1480, a maioria das quais nos anos de 1430 e 1470, e apenas duas delas foram de outras pestes que não a bubônica. Como se percebe, era um lamentável cotidiano medieval.

Um fato que favoreceu o aparecimento de epidemias, segundo Le Goff (1989), e também trazido por Elias (2001), foi a grande concentração da população nas cidades cercadas pelas muralhas construídas no século XIV, com a função de dividir o espaço urbano do campo e de proteção em períodos de guerras. É o período de grandes fortificações. Não por acaso seriam os mosteiros responsáveis por preservarem a tradição dos saberes. A fundação do Mosteiro de Monte Cassino, na Itália, base da ordem beneditina, no ano de 529, coincide com um decreto do imperador cristão Justiniano [482 d.C. – 565 d.C.] no mesmo período, que ordenava o encerramento da Academia Platônica em Atenas. Ao sobreviver durante quase mil anos desde sua criação por Platão, o fim da Academia significou a paralização da educação grega no Ocidente e o início de um novo tipo de instituição educativa, oriunda exclusivamente dos mosteiros cristãos.

Nunes (2018), em *História da Educação na Idade Média*, relata que “São Basílio já notara a conveniência de separar as residências dos meninos e dos adultos nos mosteiros, tendo observado que os jovens precisam de movimento e que os mais velhos não devem ser perturbados” (2018, p.168). Ele cita o livro *A Regra de São Bento*, escrita por Bento de Núrsia no século VI, por haver um conjunto de preceitos destinados a regular a vivência de uma comunidade monástica cristã, regida por um abade⁷. Aconselha-se, por exemplo, o “espírito de compreensão, a misericórdia com os velhos e as crianças no que tange à alimentação” (VÁRIOS, 2012, p. 115). Como numerosos bispos do século VIII chegavam “a idades respeitáveis, parece que estamos diante da (...) clássica longevidade dos celibatários consagrados, cuja vida é menos agitada que a dos leigos” (ROUCHE, 2009, p. 446-447).

Fora dos mosteiros, ao menos os membros do estrato mais alto portam armas como apêndice indispensável em sua interação com os outros. “Pessoas fisicamente fracas ou incapacitadas, velhos, mulheres e crianças permanecem em geral confinados à casa ou ao castelo, vilarejo ou quarteirão urbano habitado por seu próprio povo” (ELIAS, 2001, p. 24), apenas podendo sair às ruas com proteção especial.

Aos idosos, portanto, só restava aguardar pela morte, tal como aos moribundos, já sem qualquer esperança de vida. Este posicionamento não nasce, entretanto, na Idade Média europeia. Constata-se a relação da velhice com a morte, ou ainda com a espera por ela, e conseqüentemente a convivência com a solidão, em escritos aristotélicos, na Grécia Antiga. Considerando que o agradável, ou ainda o que causa prazer, constitui um dos pilares para a construção da amizade, Aristóteles ressalta que “os velhos – tais como as pessoas amargas – tendem a não possuírem amigos, porque é da própria natureza do ser humano buscar o prazer e o que lhe faz bem, vindo assim a se afastar do que lhe causa dor” (ROCHA, 2009, p. 80). Os mais jovens, a seu ver detentores de vigor e cordialidade, assim, se afastam do que é repulsivo, interesseiro, manipulável. Ao velho é destinada a solidão.

Elias (2001) é original ao contemplar uma pesquisa histórica de que os valores simbólicos atribuídos à velhice se definem com o passar dos tempos, mas mantendo e realçando sua carga pejorativa com a proximidade da Modernidade, como já dito anteriormente. Tal visão se evidencia fortemente com o advento da revolução industrial e, mais tarde, com o estabelecimento do neoliberalismo.

Geógrafo e pesquisador de economia urbana, o britânico Jamie Peck (2010) orienta para pensarmos, inicialmente, o neoliberalismo como condição histórica, antes de constatá-lo como realidade. A aceleração das privatizações – fenômeno sentido nos países latino-americanos mais fortemente a partir dos anos 1990 – pôs na prática o fascínio pela gestão privada. Há de se compreender que este modelo industrial exacerba a produção quantitativa, a força produtiva e quem detém tal presteza, ou seja, o capital humano jovem.

⁷ Título do superior dos monges de uma abadia autônoma ou dos membros de certas ordens ou congregações religiosas monásticas.

Aos idosos, cabe, mais uma vez, uma figuração nas periferias desse modelo – ou sendo alicerce quando falta mão de obra, como em tempos de guerra, tal como seria o caso das mulheres na Europa da primeira metade do século passado; ou um peso socioeconômico para o núcleo familiar e para o Estado, que devem assegurar uma vida digna a este grupo. Cada vez mais, os idosos são isolados das práticas produtivas, que ditam qualquer sociedade capitalista. Não produzir, nessa lógica social, equivale a estar morto.

4. Velhice heterogênea

Cabe, na Modernidade, pensar a organização das sociedades sob a visão de ruptura entre gerações. Nesta percepção, é sempre preciso eliminar um para ceder espaço ao outro, saindo de cena o antigo, para a chegada do novo. Elias (2001) nos mostra que a solidão dos velhos, ainda na era medievais, era propositiva, não uma circunstância momentânea. Era preciso deixar morrer, tal como os moribundos; isso porque deles já não se queria nada, não se esperava nada.

Ainda que a concepção de futuro e progresso sejam modernas, nasce ali naquele contexto o flerte inicial da ideia de que os velhos não detêm a possibilidade de futuro, portanto, não acrescentam nada ao que as cidades em franca expansão necessitam para se porem de pé, fortes, seguras e duradouras. Como a compreensão de futuro varia ao longo do tempo (PAZ, 1984), pois se o passado é uma idade vindoura, o futuro é a possibilidade de um recomeço a partir da degradação do passado. “A diferença entre esta concepção e a dos cristãos e dos modernos é notável: para os cristãos o tempo perfeito é a eternidade — uma abolição do tempo, uma anulação da história; para os modernos, a perfeição [está] no futuro (1984, p.28).

Na leitura de *A solidão dos moribundos*, entendemos a importância de se interpretar as visões carregadas no agrupamento homogêneo da velhice. As contemporâneas discussões sobre os novos arranjos familiares, por exemplo, fazem parte também de uma compreensão do lugar que essa velhice continua a ocupar. Visto que, ao ser submetido a uma série de comportamentos da vida pessoal rigidamente vigiados e tolerados, o idoso tende a carregar consigo elementos que envolvem limitações fortemente regidas pelo controle social – exatamente quando era limitado ao contato público pelo medo de transmitir doenças. A ruptura, portanto, não é algo brusco, pois preserva valores construídos em tempos passados.

Também é necessário ressaltar que a “velhice” enquanto categoria esconde diversas questões em seu agrupamento homogeneizador. Desse modo, é importante salientar que há vários recortes possíveis para se compreender a velhice, indo além do recorte de gênero, ou simplesmente de cor, mas também de recorte econômico.

Em um país marcadamente desigual como o nosso, a velhice “moribunda”, que Elias muito bem nos esclarece, tende a receber também outras definições diante de realidades que confrontam os privilégios nos quais assentam os grupos sociais. Tal realidade, mesmo criticada na atualidade, não parece ser capaz de chocar a nós mesmos. Para Elias isso se explica porque,

(...) só quando formos capazes de maior distanciamento de nós mesmos, de nosso estágio de civilização, e nos tornarmos conscientes do caráter específico de nosso próprio limiar de vergonha e repugnância, poderemos fazer justiça às ações e obras de pessoas em outros estágios (ELIAS, 2001, p.13).

Ainda que nosso foco no presente trabalho não seja discutir exclusivamente a velhice no recorte feminino, é importante chamar a atenção a esses aspectos da realidade heterogênea no tal grupo social, tendo em vista o tema da solidão.

Vários fatores ajudam a criar um ambiente de vulnerabilidade à solidão entre idosos (DIAS e SERRA, 2018), resultando no agravamento de problemas psicológicos. Pode ser, por exemplo, consequência de uma vida vivida em função das transformações ocorridas na dinâmica familiar e nas relações sociais, contribuindo para o afastamento de parentes e amigos (PEDROZO e PORTELA, 2003); ou ainda resultado de deficiências nas relações pessoais (KARSCH, 2003).

Como a personagem que analisaremos mais à frente, na série *Clickbait*, se trata de uma idosa, faz-se necessário trazer componentes histórico-culturais e socioeconômicos inseridos em determinado recorte etário. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2016, a média das expectativas de vida ao nascer da população mundial era de 74 anos para mulheres e de 69 anos para homens. Ainda de acordo com a OMS em outro relatório, estima-se que 6,3 milhões de casos identificados como sendo de depressão em todo o mundo sejam atribuíveis ao envelhecimento e que existe uma discriminação mundial por idade que desencadeia em saúde mais precária, isolamento social, mortes prematuras, o que, além desses danos causados diretamente ao indivíduo idoso, também custa bilhões às economias⁸.

Outro dado é que os problemas sociais, econômicos e de saúde são mais sentidos por mulheres idosas, que têm maiores expectativas de vida e, desse modo, “ao se tornarem viúvas têm maior dificuldade para casar novamente, vivem mais sós, têm menores níveis de instrução e renda e maior frequência de queixas de saúde” (CHAIMOWICZ, 1998, p. 64).

Em outra pesquisa, publicada no *Portal do Envelhecimento*, os videogames têm virado tendência entre os idosos. Na França, 50% das pessoas com 65 anos ou mais jogam videogame, nos Estados Unidos, em 2019, havia mais de 50,6 milhões de jogadores com mais de 50 anos e recentemente uma japonesa de 90 anos foi nomeada a youtuber de videogame mais velha do mundo pelo Guinness World Records. Apesar dos estudos revelarem que os videogames por si só não resolvem o problema da solidão, pois não substituiriam o contato humano, em um contexto de mudanças nas relações familiares ligadas a novos estilos de vida, esses estudos mostram como os novos meios de comunicação em rede, particularmente os videogames, podem possibilitar o contato com a família, principalmente com os netos, por exemplo, e também ajudam na distração para que esqueçam da solidão. O computador, em muitos casos, se torna um “companheiro” como descreve uma das idosas na matéria publicada pelo portal⁹.

Em *Clickbait*, Dawn Gleed também busca no computador uma distração e uma forma de se conectar com o outro. Para a senhora, as trocas amorosas viraram um jogo online, uma diversão e uma maneira de passar o tempo enquanto conversa com outras mulheres e inventa um personagem e uma trama que se desenrola de acordo com as informações trocadas no ambiente virtual.

Para trazer um elemento comunicacional a esta questão, aprofundando o emprego das teorias levantadas em *A solidão dos moribundos* (2001), exporemos a seguir como a representação de uma mulher idosa se dá na série *Clickbait*. A partir disso, faremos uma relação com essas questões levantadas na obra seminal do sociólogo alemão, para pensarmos os valores simbólicos da velhice na contemporaneidade.

5. *Clickbait*, da solidão ao crime

⁸ ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Discriminação por idade é um desafio global, afirma relatório da Organização das Nações Unidas. 18 mar., 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/18-3-2021-discriminacao-por-idade-e-um-desafio-global-afirma-relatorio-da-organizacao-das> Acesso em: 16/11/2021.

⁹ PORTAL DO ENVELHECIMENTO. Videogames, novo remédio contra a solidão para os idosos? 01 nov., 2021. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/videogames-novo-remedio-contr-a-solidao-para-os-idosos/> Acesso em: 16/11/2021

Como visto até aqui, Elias (2001), a partir de uma reflexão do Ocidente contemporâneo, discute a atitude do indivíduo moderno diante da morte, mostrando que esta é duplamente rejeitada: tanto pelo indivíduo, que teme pela finitude da vida; quanto pela sociedade, que traduz esse temor em medidas de afastamento dos moribundos do convívio social através do confinamento em instituições como os hospitais e asilos. Em sua análise no *A solidão dos moribundos*, Elias mostra como o convívio do indivíduo com o outro e com a vida em sociedade é primordial para sustentar o sentido da vida do homem moderno. O medo pelo envelhecimento e, conseqüentemente pela proximidade com a morte, surge da desvalorização da relação com o outro, que dissolveria os laços de tudo o que importa para o indivíduo.

Dessa forma, o sociólogo ainda destaca como o sentimento de exclusão gera a solidão. Em *Clickbait*, a personagem Dawn Gleed não chega a ser excluída da sociedade, pois mantém uma vida profissional ativa. Contudo, sua vida cai numa rotina bucólica. Ao chegar em casa, Gleed não recebe a atenção que desejava do marido, que se atém a um trabalho por hobby na garagem, passando suas noites isolado e deixando a companheira esquecida. Assim, ao sentir-se solitária, a personagem se vê desvalorizada na relação com o outro. Como descreve Elias (2001), a desvalorização surge com o isolamento.

Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2010) refletem sobre o modo que algumas emoções são representadas como portadoras de uma essência universal, ao mesmo tempo que mostram como os sentimentos são marcados por contextos socioculturais e históricos particulares. Para as pesquisadoras, existiram “regras socialmente definidas” para que o indivíduo se sinta solitário. Rezende e Coelho (2010, p. 34) usam como exemplo a prática de lazer aos sábados à noite, para ilustrar o momento em que, nos centros urbanos, seria considerado como ocasião da sociabilidade. A falta de uma companhia e de lazer geraria o sentimento de solidão, “validado pelo grupo social como uma reação emocional legítima diante da situação concreta (...) e que atesta a ‘normalidade’ do indivíduo” (2010, p. 34). As autoras destacam a gramática da solidão como regida por uma temporalidade “marcada pelas oposições noite/dia, lazer/trabalho” (2010, p. 34). Este é o caso da personagem da narrativa seriada aqui em análise. Dawn Gleed sente suas noites solitárias com a ausência de uma atividade e de uma companhia.

Aparentemente de forma inofensiva, sempre sorridente e prestativa (Imagem 1), a idosa vê na imagem do novo colega, um belo rapaz (Imagem 2), a oportunidade de experimentar ser desejada amorosamente e, mesmo sendo no ambiente online, assume a identidade dele e passa a se relacionar com mulheres mais jovens. É quando percebe sua sexualidade despertada novamente.

A partir desse momento, não só a relação com o outro – ainda que virtual – é retomada, como também a idosa arruma uma atividade de lazer para suas noites (Imagem 3). Nas imagens a seguir, uma sequência dessas atitudes da personagem no episódio final da série:

Imagem 1: Dawn Gleed em seu trabalho, simpática e sorridente



Fonte: Reprodução da série

Imagem 2: Dawn Gled recebe as senhas e documentos de Nick Brewer



Fonte: Reprodução da série

Imagem 3: Dawn Gled se torna *catfish* de Nick Brewer em site de relacionamento



Fonte: Reprodução da série

A solidão sentida por Dawn Gled pode ser vista tanto no conteúdo a partir da relação com o marido, mas também no formato, na estrutura da própria série. Ao seguir a lógica do gênero policial de esconder a figura do criminoso para fazer seu desvendamento ao final gerando a reviravolta da trama, a narrativa também mostra a desimportância da figura do idoso – neste caso, uma mulher idosa – ao longo dos sete primeiros episódios. A

aparição de Dawn Glead é feita de forma sutil ao longo da trama, sendo devidamente explorada apenas no último e derradeiro episódio.

Aparentemente Glead não é uma moribunda, usando o termo de Elias. Entretanto, se percebe claramente como Glead é solitária. E essa solidão vai acarretar em consequências nefastas. Cabe assim a uma personagem idosa trazer o questionamento de um isolamento cruel a todo indivíduo que, como se sabe, necessita do convívio em sociedade para se fazer vivo.

A junção de aspectos como envelhecimento, desigualdade social e mudanças nas práticas sociais “relativas à convivência entre gerações aumenta a probabilidade de que as mulheres idosas e de todos os níveis sociais venham a viver sozinhas” (NERI, 2001, p. 85). No caso de *Clickbait*, o primeiro aspecto é o mais evidenciado para se justificar a solidão da personagem e sua consequente tomada de decisões. Glead não vive sozinha fisicamente, pois se evidencia de que é casada, mas se sente sozinha. E este sentimento que a impulsiona a viver uma “vida paralela” e virtual.

Ao falar de emoções, Lutz e Abu-Lughod (1990) mencionam uma “micropolítica das emoções”, referindo-se à capacidade que estas teriam de alterar, dramatizar ou reforçar as relações de poder e hierarquia em que se dão as interações entre indivíduos, sendo ao mesmo tempo tributárias destas relações e capazes de colocá-las em xeque. Ao observar as emoções de um ponto de vista pragmático, Lutz e Abu-Lughod (1990) seguem Foucault (1979) na ideia de que o discurso cria experiência ao mesmo tempo que é gerado em contextos de relações de poder, entendendo que a expressão dos sentimentos é mais do que tratar de um discurso emotivo, precisando ser analisada enquanto performances comunicativas. Considera-se o contexto em que é utilizada, isso é, por quem, para quem, quando, com que propósitos.

A partir do que Elias (2001) fala sobre o isolamento naturalizado na vida dos idosos e das micropolíticas das emoções explicadas por Lutz e Abu-Lughod (1990), podemos entender a reviravolta de sentimentos que a personagem Glead passa ao começar a sentir prazer nas conversas online e, com isso, tem sua rotina familiar alterada na relação noturna com o marido. Em nenhum momento, é bom frisar, Glead se mostra sexualmente interessada por mulheres. O desejo da personagem está na necessidade de convívio, em trocar experiências, ainda que estas sejam falsas – já que se passa por outra pessoa.

Nesse jogo de mentiras permitidas pela facilidade de comunicação virtual, Glead, de rejeitada, passa a ser desejada e a desejar, conforme as duas imagens a seguir:

Imagem 4: Dawn Glead desperta a atenção do marido



Fonte: Reprodução da série

Imagem 5: Dawn Glead e o marido retomam a vida sexual



Fonte: Reprodução da série

Conforme o sociólogo alemão, “perseguir os próprios interesses – vistos isoladamente – parece então a coisa mais sensata e gratificante que uma pessoa poderia fazer. Nesse caso, a tarefa mais importante da vida parece ser a busca de sentido apenas para si mesmo, independente das outras pessoas” (2001, p.18).

Ao se utilizar do *catfish* para se sentir desejada, mesmo usando a imagem fictícia de outra pessoa, a idosa vê sua vida revigorada ao ter novamente a vida sexual e social (mesmo que online e falsa) ativa. Gleed volta a se sentir feliz e, inclusive, procura o marido na cama (Imagens 4 e 5). Isso porque ela passa da solidão ao prazer, despercebendo que além do crime de identidade ideológica, ela também seria propulsora de outro crime: o conquistador Nick, personagem que ela cria utilizando fotos de um colega real, ganha dimensão para pessoas vulneráveis, como Sarah Burton (interpretada por Taylor Ferguson). Sarah acaba tirando a própria vida quando o “falso” Nick lhe rejeita, o que culmina na vingança fatídica do irmão de Sarah. Ao fim do mistério policial, tendo sua identidade enfim revelada, Dawn Gleed e o marido mostram a ambiguidade do indivíduo que pode cometer delitos para se proteger de si mesmo, da solidão que enfrenta e da invisibilidade social imposta a determinados grupos. É o que Beauvoir (1972, p. 1-3), em clara consonância com Elias, intitula como uma “conspiração de silêncio destinada a esconder a criminalidade social relativa à marginalização do idoso”. No momento da apreensão policial, Gleed vê seu marido tirar a própria vida e, além do sofrimento com a perda de quem era sua companhia, também é levada ao castigo da solidão forçada: a da cela da prisão.

A solidão na velhice é, desse modo, o “motor” que move a ação que desencadeia toda a trama em questão. Isso se evidencia na cena em que o companheiro descobre a vida paralela que Gleed leva na internet. Ao interrogá-la, o marido quer saber se há algum tipo de sentimento ou desejo sexual naquele tipo de experiência. A explicação que vem em seguida resume o posicionamento de invisibilidade e descarte social debatido por Elias.

(...) **Ed** - Aquelas mulheres. Você se apaixonou por elas?

Dawn Gleed - Não, eu só estava solitária. Eu só queria saber como era ser... alguém, alguém como o Nick. Alguém que as pessoas queiram, alguém que as pessoas veem.

Na transcrição do diálogo acima, percebe-se pela contraposição de afirmações, como a idosa se vê na sociedade: alguém que não é percebida nem querida pelos demais. Por um transtorno psicótico, resolve levar uma dupla vida, entre o real e o virtual. Elias (2001) contribui para a interpretação de uma velhice que é esquecida, renegada a um isolamento, excluída de todo tipo de convívio.

Nessa análise, percebe-se como a retração da solidão dos idosos pode acarretar numa fraqueza que acoberta toda a trama seriada. Ou seja, a solidão da velhice é utilizada como desfecho da solução de um crime impensável. Ninguém suporia que, por trás do assassinato do jovem professor, estaria uma pessoa idosa que não mediu esforços para conter sua solidão. Isso porque, como já exposto, o idoso é devidamente posto numa categoria isolada, desimportante e fora do eixo central do convívio social. A ele não importa o que regem as ações, porque dele não vêm as novidades. É um ser moribundo, apenas à espera da morte.

Contrariando a premissa banalizada em inúmeros exemplos nas narrativas ficcionais e audiovisuais, *Clickbait* expõe seu inverso. Se no senso comum “a velhice é tomada como material para humor ou compaixão melosa” (WOODWARD, 2016, p. 164), nesta narrativa ela é dramática. Kathleen Woodward (p. 7-8) afirma que a “velhice produz ansiedade, medo, rejeição e repressão e que a nossa cultura tem uma postura profundamente ambivalente”, mas, sobretudo, negativa, com respeito a ela”. Suas novas formas de representação possibilitam romper “a conexão entre a idade cronológica e os valores e os comportamentos considerados adequados às diferentes etapas da vida” (DEBERT, 2003, p. 155).

A série surpreende exatamente nessa dualidade. Trazer uma idosa – e suas motivações em se passar por outra pessoa no mundo virtual – possibilita compreender as nuances de sua solidão. No mundo contemporâneo, não precisa estar morto biologicamente para estar, de fato, morto. Basta estar isolado para se “sentir” morto. Na conclusão de *A solidão dos moribundos*, Elias propõe que “talvez devêssemos falar mais aberta e claramente sobre a morte, mesmo que seja deixando de apresentá-la como um mistério” (2001, p. 77). Está aí o que a personagem Glead, ao se afugentar para o mundo virtual, tanto teme. Mais do que fugir da solidão, ela foge da possibilidade da morte que sente sozinha.

Segundo uma reportagem recente do jornal *El País*, há várias décadas vivemos uma progressiva alteração nas relações trabalhistas, sociais e pessoais, que levam a uma vida de isolamento. Para suprir a carência da vida a sós, proliferaram iniciativas e são desenvolvidos produtos que buscam amenizar a ausência do outro. Na reportagem, assinada por Mar Padilla (2021), são citados exemplos mercadológicos cada vez mais usuais contra a solidão, tais como os serviços de amigos ou parentes de aluguel para acompanhamento em datas especiais, aplicativos que conectam pessoas solitárias com interesses parecidos, robôs cuidadores e também os novos espaços de trabalho compartilhado (os chamados *coworking*), que “são projetados com corredores estreitos que obrigam as pessoas a se cumprimentarem, com mesas grandes que forçam o compartilhamento nem que seja de um cafezinho” (PADILLA, 2021).

Ainda de acordo com a matéria, uma invenção que surpreendeu em resultados de venda foi a do boneco de pano com braços muito longos, o que permite o abraço. Mais de três mil exemplares foram vendidos em 2019 e, em 2020, o número aumentou para dez mil, sendo cerca de 70% das vendas para adultos. Esses dados nos mostram como de fato o indivíduo – mesmo cada vez mais com uma vida acelerada, no ritmo 24/7, como descreve Jonathan Crary (2016)¹⁰ – busca pelo afeto e companhia do outro, isso é, pela vida em comunidade. Se a solidão é sentida cada vez mais na vida adulta, há tempos que ela persegue o indivíduo em sua velhice, como nos apresenta Elias (2001).

Em sua palestra para médicos na Alemanha, “Envelhecer e Morrer”, Elias emprestava alma às questões sociológicas dos limites e possibilidades da velhice a partir de sua própria experiência. Era preciso discutir sociologicamente as razões porque o ciclo

¹⁰ Em seu livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, Jonathan Crary explica que o indivíduo vive em um ritmo acelerado, produzindo e consumindo 24 horas, durante sete dias na semana, sendo o sono ainda a única forma de desaceleração e, com isso, a única barreira para o capitalismo que dita essa necessidade de produção e consumo ininterruptos.

de vida natural virava um estereótipo, ou até mesmo um estigma, isolando os velhos à indiferença e ao esquecimento. Tal atitude, não deixa de ser, entre outras significações, uma morte prematura de suas múltiplas possibilidades no convívio social. Afinal, se como o poeta Mario Quintana diz que a vida é um dever que trazemos para fazer em casa, não é justo que no final dela, quando completamos o ciclo, fiquemos reprovados.

6. Considerações finais

Com este artigo, verificou-se a representação da velhice a partir da personagem de uma mulher idosa na série *Clickbait*. De forma estigmatizada, o velho tende a ser representado também na narrativa audiovisual de forma desinteressante, como uma figura amável, que aparece de forma secundária, quase coadjuvante e que, como discute Norbert Elias em *A solidão dos moribundos* (2001), estaria afastado das relações sociais, o que ocasionaria o sentimento de solidão.

Diante de alguns dados atuais trazidos neste artigo, verifica-se que os crescentes maus tratos de idosos e a dificuldade de se posicionar no mercado de trabalho revelam como a sociedade enxerga e age diante da questão da velhice e a aparente falta de produtividade. Como um espelho da vida social, as produções audiovisuais, ao apresentarem a figura do idoso, costumam colocá-la como frágil, maltratada ou mesmo cômica. Ao trazer a idosa como a impulsional dos crimes, a série aqui analisada foge do clichê e surpreende ao revelar a identidade da inesperada criminosa.

Em *Clickbait*, é a solidão a propulsora de uma reviravolta procurada pela personagem Gleed. Cansada de sentir-se sozinha durante as noites, a idosa procura uma forma de lazer que desencadeia em uma rede de crimes e omissões, que foge de seu controle. Essa transformação de sentimentos pela qual passa a personagem serve de base para trazer conceitos do sociólogo alemão acerca do envelhecimento e suas consequências nas relações sociais. Como se trata de uma personagem inicialmente desinteressante e não pensada como culpada pelos crimes, Gleed se torna protagonista ao realizar a reviravolta na trama e trazer uma nova representação da velhice.

Elias contribui de forma contundente com o debate sobre o papel social do idoso em seu clássico *A solidão dos moribundos*. E, nesta presente análise, se evidencia que a força da obra se mantém atual, por abrigar possibilidades de empregabilidade em narrativas que tentam dar conta das complexas representações que o idoso e a idosa podem conotar diante de desafios contemporâneos. Por fim, também diante dos avanços comunicacionais permitidos por novas tecnologias, a solidão é um componente que precisa ser trabalhado em diferentes aspectos socioculturais, dentro do recorte etário.

Referências

BEAUVOIR, S. **Te coming of age**. Tradução de Patrick O'Brian. New York: Putnam, 1972.

BENEDICTOW, O. J. **The black Death, 1346-1353: The complete history**. [S.l.]: Boydell & Brewer, 2006.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, P. **Capital simbólico e classes sociais**. Tradução de Fernando Pinheiro. Novos estudos – CEBRAP, n. 96. São Paulo, jul. 2013.

- CHAIMOWICZ, F. **Os Idosos brasileiros no século XXI**. Belo Horizonte: Postgraduate Brasil, 1998.
- CRARY, J. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu, 2016.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 2003.
- DIAS, M. J. S.; SERRA, J. Mulher, Velhice e Solidão: Uma Tríade Contemporânea? **Serv. Soc. & Saúde**. Campinas, SP. v.17, n.1[25], jan/jun 2018.
- ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos: seguido de Envelhecer e Morrer**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- KARSCH, U. M. Idosos dependentes: famílias e cuidadores. **Cadernos de Saúde Pública**, vol.19, n.3 Rio de Janeiro, Jun/2003.
- LE GOFF, J. **O homem medieval**. Lisboa: Presença, 1989.
- LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. (Eds.). **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MARINO, J. F. M. Ciclos históricos da violência na América Latina. **São Paulo em Perspectiva**. n. 18, jan./mar. 2004. Disponível em: <<http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-88392004000100005&lng=pt&nrm=iso>>.
- MARQUES, P. V. **Torneios Medievais: Espetáculos e desafios na Corte de René I**. Porto Alegre: Edições Praiamar, 2013.
- NERI, A. L. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2001.
- NUNES, R. A. da C. **História da educação na Idade Média**. Editora Kiron, 2018.
- PADILLA, M. A solidão é uma epidemia e um negócio. No futuro, pagaremos para ter amigos? **El País**. 30 out., 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/estilo/2021-10-30/a-solidao-e-uma-epidemia-e-um-negocio-no-futuro-pagaremos-para-ter-amigos.html>
Acesso em: 13/11/2021
- PEDROZO, S. K., PORTELA, M. R. Solidão na velhice: algumas reflexões a partir da compreensão de um grupo de idosos. Porto Alegre: **Boletim da Saúde**. V.17, N2, Jul./dez 2003.
- REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ROCHA, N. F. L. **O agir ético segundo Aristóteles**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Estadual do Ceará, 2009.

VÁRIOS. **A Regra de São Bento**. Trad. de D. João Evangelista Enout. Editora Lumen Christi, 2012.

WOODWARD, Kathleen. **Aging and its discontents: Freud and other fctions**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.